

NA MESMA CASA

Livro 111

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal

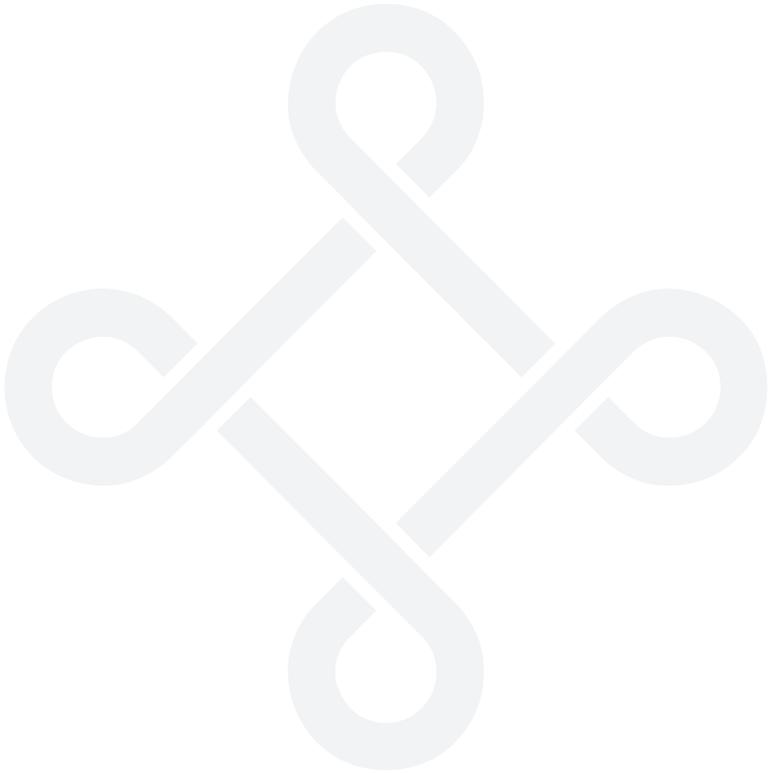


© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



NA MESMA CASA

Guardo pausas dentro da memória que circula pela casa, o lugar dos abraços, a sala das esperas pelo retorno prometido. Na moldura o abraço que mantém o tempo fixado na fotografia. No corredor os passos que avançam em direção à sala de jantar e a cozinha. Inerte um fogão a lenha, ladeado por uma mesa simples e uma cadeira que acompanham a circulação dos odores, das panelas, das mãos hábeis em artesanias. A memória ainda mora naquela mesma na casa.



DESCONHECEMOS

Temos um desconhecido de estimação, carregamos um nós que declara anônimos resultados. Os temores desta vulnerabilidade desabilitam o respeito por nossos sonhos. Carregamos renúncias, a natureza desavisada aguarda que nos façamos proprietários dos nossos destinos. Esta importante atitude poupará a todos aqueles que nos acompanhem na vida, cuidando de nós mesmos pouparemos os demais de se fazerem cargo das nossas inconsequentes imprudências.

DIGNA SAUDADE

Uma digna saudade dá sentido à próxima esperança, sustenta a meta inventando oportunidades. Alegres recepções dominam minha resistência, generosamente estendem a minha sobrevivência.



LIÇÕES

Das lições de humanidade aprendi que só porque alguém não me ama do jeito que espero, não significa que ela não me ama com tudo que pode; há uma diferença entre o que cada um pode nos dar e aquilo que gostaríamos de receber.



BARCO FENICIO

Barco fenício, madeira de lei, cedro raiz, braço fenício, remo madeira, saudade raiz, barco transportador inventor do ir e vir.

TÍTULOS

Pouco a pouco se ilumina o dia, os azulejos, o piso, os verdes da varanda, a imagem do espelho, a capa do livro, afrontam-se a calmaria saída da cama com a notícia fúnebre que sustenta uma intenção negociada. Especialistas em vírus, vulcões e filicídios confeccionam a insalubre politização da vida cotidiana. Um bispo se associa a um senador para confirmar o silêncio sobre o surto de pedofilia, uma marca de cerveja engana a todos e, uma geração de transhumanos combate a memória, as origens e o destino dos humanos. Presságios sinistros comandam a fraudemia, novos vírus corrompidos surgirão como promessa de continuar a exploração e o sequestro da vida privada. Omitem ao meu corpo um instante de alegria, exilado de mim mesmo perdi os sonhos que sonhei no passado, entregues hoje como caução.

GAMÃO

Um excesso de virtude alimenta um padecer que recorda os longos caminhos da infância. Entre a jaula e o labirinto, a formiga e a gata, as penas e as cruzes, o coração que chora e o malabar do circo, os tecidos e os alfaiates, a soberbias e os colarinhos altos, o teule (gamão) e meus tios, ombros desnudados e a tentação, o odor do pão e a magistral artesanaria, um leque antigo e minha mãe veranista, um velho calvo e meu avô, olheiras e noites mal dormidas, mãos estremeçadas explorando carinhos nunca concluídos.



CUMPRIR ANIVERSÁRIOS

Uns gostam, outros não. Nascer sempre é difícil, não é fácil rememorar, sempre é uma dor, a dor de nascer e suas conseqüências, é sempre difícil recorrer o caminho de passar do paraíso para aprender a sobreviver.

AMOR E ÓDIO

A questão dos limites é essencial, a prudência sugere usá-los com firmeza e delicadeza, o amor e o ódio sem limites alimentam conflitos.



QUEM

Quem ofertara venturosas naus por tempos incertos, cumprirá respostas com gostos necessitados? Quem fará o mar sereno e o vento manso, o apreço pela paisagem rústica como a vida, dar-lhe vida repousada ao escutar a palavra sincera que gosta elogiar? Quem lançará cuidados originais que acabam justos em proporções desejadas? Quem descobrirá as cores que movam de vez em quando nossas asas a ponto de voar?

DESTINO

A aldeia libanesa foi a fonte e o destino dos meus pais, nela encravada a identidade que misturava o trigo e a coalhada, o café com borra, o quibe no pilão, o snoubar, as longas mesas ao ar livre cobertas pela parreira, habitual companhia da família reunida na sua sombra. Estar com vizinhos, nunca se atravessava o terreno alheio já que as casas se prolongavam entre si havendo uma falsa fronteira submersa no sub-solo. Guardar a privacidade se constituía um breve momento de estar-se sozinho por obrigação. Todos os demais estavam ocupados não se admitindo nenhuma desfeita quando todos participavam da conversa, da comida ou da próxima nostalgia. Acomodar seus sonhos de modo que caibam nas pequenas aldeias era uma tarefa difícil. Muitos imigravam para Beirute, Tripoli ou países como Brasil, México, Cuba, Santo Domingo, Austrália e outros lugares onde a colônia libanesa reconstruiria sua vida.

O DESTINO DOS FARDOS

Não cabem em todas as molduras os retratos perfeitos. Sobrevivem em separado como um legado que entra no conhecimento das discordâncias e se animam a vedar contatos. O ritmo da estética governa uma corrente de coerências, declina ser lançado sem a opção, deixando-se lograr aceitar um acontecimento inesperado. Quando a natureza se esmera em vestir em alguma obra seus caprichos, ali encerra arte da criação, astuciosamente desvia o banal em proveito próprio, evidencia o singular, satura de assombro paisagens ocultas, um vento gemendo, um tropel devoto de peregrinos abençoados pelo próprio empenho carregando afetos que são relíquias civilizatórias. Carregar um acumulador de esperanças, arcar, suportar, carregar na mala os insultos, calar argumentos, carregar a casa e a aldeia com ímpeto como quem carrega o destino dos fardos, carregando sozinho, fazendo a rota dos mascates.

CONSTRUTORES DE MEDOS

Vencer perigos sempre foi como vencer ondas em um mar sempre desconhecido e sem saber nadar. Travado na vulnerabilidade esvaído em rios de lágrimas me vendo diante de uma porta fechada sem consentimento para abri-la, solicitei, pedi com veemência conhecer a senha de cada laque, tornar-me hábil por dever de ofício, eu que não sei voar, flutuar ou coisa parecida. O medo me torna um incapaz, incandesce desafios, se dedica a me provocar, e contamina, iça erros e doutrinas, inflama uma confusão entre cuidados e covardias. Incidem como um desastre na harmonia, como uma desistência no auge da paixão.



UNS E OUTROS

O erudito e o sábios guardam no silêncio as verdades adquiridas. Tiveram que preservá-las dos medíocres e dos vândalos que se encantam com o supérfluo e a mentira.

MEU PÃO

Pedi licença para omitir, nem em sonhos afrontar. Autor da criação mais bizarra, fiz o pão que o diabo se recusou a mastigar, cantei em comemoração, até sumir com a receita me refugiei com a mente vibrante e um mórbido prazer. Do grão à farinha, um caminho de desvios. Enfraquecer o diabo com uma ilusão me impedia de falar compensando as contrariedades.

O diabo fragmentou minha caravana, impedindo-nos de olhar para trás, ficando longe de mi com todo o meu apetite de pertencer, de ser-me na minha identidade. Com aversão aos anonimatos, meu interessei pelas origens que me colocavam ora na montanha, ora no mar. Provocaram em mim a ousadia de resistir, mas a minha casa não era mais minha, quem ali morava não entendia nada da minha história. Antes de sair ali enterrei o grão com que enganei o diabo, dali transportei o grão do trigo milenar, iluminado para ser o alimento que germinou em terras longínquas.



MULTIDÕES DE AFETOS

Multidões de afetos familiares me alimentam uma intensa fome de humanidade.

PRÓXIMO AO NARGUILÉ

Infiltrado na minha saudade, o perfume do narguilé albergando o fumo persa, bordado com o encarnado das brasas, assisti os tecidos bordados adornando coletes e vozes, muitas vozes fazendo-se ouvir como um tom familiar, ouvido repetidamente, comovendo pela intensidade, o prazer da emissão e a reação promovida. Fui aprendendo a graça e peso das presenças e das ausências contidas nos diálogos, ora pausas inesperadas, ora palavras que entre a leveza e o impacto me faziam ter a certeza de que se confirmava algum presságio sendo legitimado pelo testemunho contundente da palavra que transportava tanta dor. O Líbano, amada terra, sofria a invasão dos turcos, invasores com poder ilimitado, roubavam, estupravam, invadiam, os que precisavam sobreviver foram aprendizes da sobrevivência. Os filhos fugiam como podiam, os pais na retaguarda esperavam o momento de fugir. As dores eram amenizadas com notícias das acolhidas recebidas no Brasil. O mais importante de tudo é que a estupidez não vencesse a barreira armada para destruir a identidade libanesa. Agrupados saboreavam as lembranças, pareciam ter

sede da vida deixada, seguiam acreditando nas coisas lá aprendidas. A isso tudo eu assisti. Entre o impacto e a dormência cresci, depois aprendi sobre sedas, lãs e veludos, casimiras, casulos, bichos da seda e uma infinita caravana de sabedorias desfilando diante da minha perplexidade.



LICENÇA

Pedi licença para omitir, nem em sonhos afrontar. Autor da criação mais bizarra, fiz o pão que o diabo se recusou a mastigar, cantei em comemoração, até sumir com a receita me refugiei com a mente vibrante e um mórbido prazer. Do grão à farinha, um caminho de desvios. Enfraquecer o diabo com uma ilusão me impedia de falar, quanto compensei as contrariedades. O diabo fragmentou minha caravana, impedindo-nos de olhar para trás, ficando longe da identidade com todo o meu apetite de pertencer, de ser-me nela. Com aversão aos anônimos, meu interessei pelas origens, elas me

colocavam ora na montanha, ora no mar. Provocaram em mim a ousadia de resistir, mas a minha casa não era mais minha, quem ali morava não entendia nada da minha história. Antes de sair ali enterrei o grão com que enganei o diabo, dali transportei o grão do trigo milenar, iluminado para ser o alimento que germinou em terras longínquas.



O ARADOR DAS ÁGUAS (do livro de HODA BARAKAT) 16797 L111

Os fenícios também contaram que o Senhor teceu a terra e o céu com os filamentos da Sua ilimitada sabedoria em torno de uma árvore cósmica cujo alcance dos ramos nós desconhecemos. É a Árvore da Vida, que o Oriente glorificou de Bizâncio à Pérsia Sassânida e até à Índia, chegando depois ao Ocidente. Quando morremos, caímos dela como frutos maduros para retornar ao ciclo da existência por meio dos campos celestes e da infinidade de seus ramos.

Roberto Curi Hallal

